

EDIÇÃO: JOÃO MARCELO SENA | JOAOMARCELOSENA@OPOVO.COM.BR |

JIM WATSON / POOL / AFP



BIDEN voltou ao Capitólio na última quarta-feira, quando discursou ao lado da vice, Kamala Harris, e a presidente da Câmara Nancy Pelosi

# Biden 100 dias: a guinada de volta à normalidade

**| EUA |** Democrata completa 100 dias na Casa Branca. Tradicional marca temporal para medição de feitos administrativos começou com Franklin Roosevelt, presidente que usou o período para balanço de suas ações em meio à Grande Depressão. É com quem, também, Biden guarda alguma semelhança

CARLOS HOLANDA

cartosholanda@opovo.com.br

Dentre as principais guinadas pelas quais o governo de Joe Biden é responsável, a mais destacada delas é a que deu rumo à normalidade. Ele completa 100 dias como presidente dos Estados Unidos nesta sexta-feira, 30, estágio inicial de administração na qual já confirma ser real a opção dos eleitores pela prudência em detrimento ao modo tempestuoso com que Donald Trump marcou sua estadia na Casa Branca.

O democrata assumiu a Presidência em um dos momentos mais difíceis da história mundial em anos. A pandemia da Covid-19 impôs a Biden a missão de acelerar a vacinação da população e, paralelamente, dar injeção de ânimo à economia americana. A primeira promessa, de aplicar 100 milhões de doses na primeira

centena de dias, foi superada de longe. (ver infográfico)

O novo governo americano viabilizou um auxílio de US\$ 1.400 (cerca de R\$ 7.600) para grande parte da população estadunidense. Foram mobilizados três pacotes econômicos. Os eixos foram a retomada após o coronavírus (US\$ 1,9 trilhão) - que contém o auxílio -, a infraestrutura (US\$ 2,2 trilhões) e a educação (US\$ 1,8 trilhão).

O que se refere à Covid-19 foi inicialmente recebido com resistências, mas terminou aprovado com modificações. Os outros dois ainda têm de percorrer o caminho do Legislativo. As iniciativas têm em comum o grande investimento do Estado na economia. Este é, em si, outro aspecto que carrega consigo elementos de ruptura.

O modelo mais fielmente interpretado pelo republicano Ronald Reagan (1981-1989), cuja participação estatal nos rumos da economia foi reduzida ao mínimo, tende a ser confrontado pelo presidente de centro.



**Wall Street não construiu o país.  
A classe média construiu o país.  
E os sindicatos construíram a classe média**

Joe Biden, em discurso no Capitólio na última quarta-feira

Em maior ou menor escala, a lógica predominou até aqui.

No discurso da última quarta-feira, 28, no Congresso, Biden fez forte aceno à classe média ao afirmar que os EUA são resultado da construção da classe trabalhadora, não de especuladores de Wall Street (Nova York), coração financeiro do país.

Oswaldo Dehon, doutor em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB) e professor do Ibmec de Belo Horizonte, analisa que o modelo de Biden é alguma coisa que faz lembrar o de Franklin D. Roosevelt (1933-1945). “Há ali uma visão bem diferente no período (Barack) Obama, mas não um confronto (em relação a Reagan). Com Biden, há. Visão completamente diferente”, assinala.

“Confronto com o princípio da austeridade, confronto com o princípio da ausência de emissões de recursos, de títulos da dívida pública americana - apesar de que os Estados Unidos têm déficit público razoável ao longo do tempo -, que financia com os recursos que tem, da mesma forma também que investimentos mais claros na área de infraestrutura”, cita Dehon como exemplos práticos das diferenças entre os modelos.

Questionado sobre o nível da presença estatal no EUA, Felipe Loureiro, coordenador da

graduação do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), responde que “sem dúvida, talvez a mais pujante em décadas.”

“Caso os pacotes sejam aprovados”, diz Felipe, “estamos falando de algo tão grandioso quanto o New Deal (1933-1937) de Franklin Roosevelt e a Grande Sociedade (1964-1965) de Lyndon Johnson.” O primeiro exemplo citado por ele foi um conjunto de ações para amainar os efeitos da Depressão de 1929. O segundo para excluir a pobreza e a desigualdade social.

No horizonte de Biden está também a tarefa de retirar os EUA de um lugar para o qual Trump o levou, de isolamento perante a comunidade internacional, recolocando-o como protagonista em agendas palpitantes para o mundo, como a do desenvolvimento sustentável. Plataforma eleitoral de Trump, a questão migratória é encarada pelo atual mandatário a partir de outra perspectiva.